

Lição 2 — Introdução (Continuação). Questões de Método

TEXTO 403a 2-403 b 23 - LIVRO I, CAPÍTULO I, CONTINUAÇÃO

INTRODUÇÃO CONTINUADA

QUESTÕES DE MÉTODO

As modificações da alma apresentam um problema: são todas compartilhadas por aquilo que tem alma, ou algumas são próprias apenas da alma? § 16

É necessário, de fato, mas não é fácil, lidar com este problema. Pois na maioria dos casos não há, aparentemente, ação ou sofrimento sem o corpo; como na ira, desejo, confiança e sensação em geral. O entendimento, no entanto, pareceria ser especialmente próprio da alma. Contudo, se isto também é uma espécie de imaginação, ou nunca ocorre sem ela, nem mesmo isto existe, de fato, separado do corpo. § 17-20

Mas se a alma tem alguma operação ou afecção exclusiva a si mesma, então ela poderia existir como uma entidade separada. Se, no entanto, não há nada assim próprio a ela, então ela não é separável, mas é como uma linha reta, que tem, como tal, muitas propriedades — como a capacidade de tocar uma esfera de bronze em um ponto dado; mas a retidão separada não a toca; não sendo, de fato, separável, já que está sempre com um sujeito corporal. § 21

Agora, todas as modificações da alma parecem envolver o corpo — ira, mansidão, medo, compaixão, alegria, amor e ódio. Pois junto com estas, o corpo também é de algum modo afetado. Um indício disso é que, às vezes, ocorrências violentas e inequívocas não despertam excitação ou alarme; enquanto em outras ocasiões, somos movidos por assuntos leves e insignificantes, quando o sistema físico é estimulado à condição apropriada à ira. Isto é ainda mais evidente quando, estando presente algo temeroso, sentimentos ocorrem como naquele que, nada havendo, está assustado. Se este é o caso, é evidente que as paixões são princípios materiais; portanto, termos como 'ficar com raiva' significam um movimento de tal e tal corpo, ou de uma parte ou potência que procede do corpo e existe para ele. § 22

Por esta razão, portanto, o cientista natural deve examinar a alma, seja todos os tipos, seja este tipo. § 23

O cientista natural e o dialético definirão cada uma dessas modificações de maneira diferente. Tomemos a questão: o que é a ira? O último dirá, um desejo de retaliação, ou algo similar; o primeiro, uma efervescência de sangue ou calor em torno do coração. Destes, o cientista natural designa a matéria, o dialético, a forma ou ideia. Pois esta 'ideia' é a forma da coisa. Isto, no entanto, deve ter existência na matéria do tipo em questão; se é uma casa, uma fórmula será 'uma cobertura para prevenir a destruição pelo vento, chuva e calor excessivo'; a outra, 'pedras, vigas e madeira'; uma terceira, 'a forma nestes materiais por estas razões'. Qual é a definição física? A que afirma a matéria e ignora a ideia? Ou a que afirma apenas a ideia?

Ou melhor, o composto de ambas? O que dizer então das outras duas? Ora, não há ninguém que lide com qualidades inseparáveis da matéria, precisamente como inseparáveis dela; mas aquele que se preocupa com as afecções e atividades da matéria especial deste ou daquele corpo é o cientista natural; enquanto que, quaisquer coisas que não são especificamente tais, outro considera; em certas matérias, pode ser, por acaso, um técnico especialista, um carpinteiro ou médico. No que diz respeito, no entanto, ao que é inseparável da matéria, e ainda assim como não envolvido nas qualidades específicas deste ou daquele corpo, mas abstraído de qualquer uma, o matemático; e no que diz respeito ao que é separável, o 'primeiro filósofo'. § 24-9

Para retornar da nossa digressão. Dizíamos que as paixões da alma não são separáveis do material físico dos animais (a ira e o medo tendo este tipo de existência), e também que elas diferem, nisso, da linha e da superfície.

CAPÍTULO II

Investigando a alma, é necessário, suspender o juízo sobre assuntos que devem ser considerados incertos, que estudemos as opiniões de certos pensadores que trataram do assunto, de modo a tomar nota de qualquer coisa que tenham dito pertinentemente, evitando ao mesmo tempo seus erros. § 30

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO DOIS

§ 16. Tendo exposto a dificuldade desta ciência a respeito do problema da substância e essência da alma, o Filósofo procede ao problema de suas modificações e qualidades acidentais. E aqui ele faz duas coisas: primeiro, expõe e resolve uma dificuldade concernente às modificações da alma; e então, usando esta solução, 'ele mostra que o conhecimento da alma pertence à ciência natural ou 'física', onde ele diz: 'Por esta razão, portanto, o cientista natural'. Quanto ao primeiro ponto, ele diz que é um problema saber se as modificações e atividades da alma pertencem a ela independentemente do corpo, como Platão pensava, ou se nenhuma delas é peculiar à alma, sendo todas compartilhadas pela alma e pelo corpo juntos.

§ 17. Prosseguindo em 'É necessário', ele novamente faz duas coisas. Primeiro, mostra a dificuldade da questão, e depois, em 'Mas se a Alma', a necessidade de colocá-la. Ele começa então observando que não podemos evitar a questão de saber se os modos e atividades da alma são próprios dela ou compartilhados pelo corpo, e que esta não é uma questão fácil, mas muito

difícil. A dificuldade, como ele explica, surge do fato de que muitas atividades parecem ser comuns à alma e ao corpo e requerer o corpo, por exemplo, ficar com raiva, ter sensações e assim por diante; os quais todos envolvem corpo tanto quanto alma. Se há algo peculiar à alma, pareceria ser a atividade intelectual ou o entendimento; isto parece pertencer à alma de uma maneira especial.

§ 18. Entretanto, considerando mais de perto, nem mesmo o entendimento pareceria pertencer apenas à alma. Pois, ou ele é o mesmo que a imaginação, como pensavam os platônicos, ou não ocorre sem o uso da imaginação (pois houve homens, como os primeiros filósofos da natureza, que diziam que o intelecto em nada diferia dos sentidos, o que implicaria que ele não difere da imaginação; como, de fato, os platônicos foram levados a dizer). Assim como a imaginação pressupõe o corpo e dele depende, eles diziam que o entendimento era comum à alma e ao corpo juntos, em vez de ser obra apenas da alma. E mesmo concedendo que intelecto e imaginação não sejam idênticos, ainda assim um não pode funcionar sem o outro. Seguir-se-ia que o entendimento não é apenas da alma, uma vez que imaginar pressupõe o corpo. O entendimento, então, parece não ocorrer onde não há corpo.

§ 19. Embora Aristóteles esclareça este problema no Livro III, diremos algo aqui sobre ele. O entendimento, então, em um sentido, é próprio apenas da alma, e em outro sentido, é comum tanto à alma quanto ao corpo. Pois deve-se perceber que certas atividades ou modificações da alma dependem do corpo tanto como instrumento quanto como objeto. A visão, por exemplo, necessita de um corpo como objeto — porque seu objeto é a cor, que só se encontra nos corpos; — e também como instrumento — porque, embora o ato de ver envolva a alma, ele não pode ocorrer senão através da instrumentalidade de um órgão visual, a pupila do olho. A visão, então, é o ato tanto do órgão quanto da alma. Mas há uma atividade que depende apenas do corpo para fornecer seu objeto, não seu instrumento; pois o entendimento não se realiza com um órgão corporal, embora se refira a um objeto corporal; porque, como será mostrado mais tarde, no Livro III, os fantasmas na imaginação estão para o intelecto assim como as cores para a visão: assim como as cores fornecem seu objeto à visão, assim os fantasmas servem ao intelecto. Uma vez que não pode haver fantasmas sem um corpo, parece que o entendimento pressupõe um corpo — não, contudo, como seu instrumento, mas simplesmente como seu objeto.

§ 20. Duas coisas decorrem disso. (1) O entendimento é um ato próprio apenas da alma, necessitando do corpo, como foi dito acima, apenas para fornecer seu objeto; enquanto a visão e várias outras funções envolvem o composto de alma e corpo juntos. (2) O que quer que opere por si mesmo, independentemente, tem também um ser e uma subsistência independentes próprios; o que não é o caso quando a operação não é independente. O intelecto, então, é uma atualidade que subsiste por si mesma, enquanto as outras faculdades são atualidades existentes na matéria. E a dificuldade em lidar com este tipo de questão surge simplesmente do fato de que todas as funções da alma parecem, à primeira vista, ser também funções do corpo.

§ 21. Depois disso, quando Aristóteles diz 'Mas se a alma', ele expõe uma razão para colocar esta questão, a saber, que de sua resposta depende a resposta a uma pergunta que todos fazem com grande avidez sobre a alma: se ela pode ser separada do corpo. Assim, ele diz que se a alma tem alguma função própria a si, ela certamente pode ser separada, porque, como foi apontado acima, o que quer que possa operar por si só pode existir por si só. Inversamente, se a alma não tivesse tal

função própria, ela não seria separável do corpo; estaria no mesmo caso que uma linha reta — pois embora muitas coisas possam acontecer a uma linha reta enquanto linha reta, como tocar uma esfera de bronze em certo ponto, ainda assim elas só podem ocorrer de maneira material: uma linha reta não pode tocar uma esfera de bronze em qualquer ponto senão materialmente. Assim também com a alma; se ela não tem atividade própria a si, então, por mais coisas que a afetem, elas o farão apenas de maneira material.

§ 22. Em seguida, quando ele diz 'Agora, todas as afecções da alma', ele desenvolve o que havia sido pressuposto acima, a saber, que certas modificações afetam a alma e o corpo juntos, não apenas a alma. E isto ele mostra por um argumento em duas partes, que se segue. Sempre que a constituição física do corpo contribui para uma atividade vital, esta pertence ao corpo tanto quanto à alma; mas isso acontece no caso de todas as 'modificações' da alma, como ira, mansidão, medo, confiança, compaixão e assim por diante; portanto, todas essas 'modificações' pareceriam pertencer parcialmente ao corpo. E para mostrar que a constituição física desempenha um papel nelas, ele usa dois argumentos. (1) Vemos às vezes um homem assediado por aflições óbvias e severas sem ser provocado ou amedrontado, enquanto que, quando já está excitado por paixões violentas decorrentes de sua disposição corporal, ele se perturba com meras ninharias e se comporta como se estivesse realmente irado. (2) Em 'Isto é ainda mais evidente:', o que torna este ponto ainda mais claro é que vemos em algumas pessoas, mesmo quando não há perigo presente, paixões surgirem que se assemelham a uma tal 'modificação' da alma; por exemplo, pessoas melancólicas, simplesmente como resultado de seu estado físico, são frequentemente medrosas quando não há causa real para isso. Obviamente, então, se a constituição corporal tem este efeito sobre as paixões, estas devem ser 'princípios materiais', i.e., devem existir na matéria. É por isso que 'tais termos', i.e., as definições dessas paixões, não devem ser predicados sem referência à matéria; de modo que, se a ira está sendo definida, que seja chamada um movimento 'de algum corpo' como o coração, ou 'de alguma parte ou potência' do corpo. Ao dizer isso, ele se refere ao sujeito ou causa material da paixão; enquanto 'procedente de' se refere à causa eficiente; e 'existindo para' à causa final.

§ 23. Então, em 'Por esta razão', ele conclui do que foi dito que o estudo da alma pertence à ciência natural — uma conclusão que decorre da maneira como a alma é definida. Assim, ele faz duas coisas aqui: (1) prova sua afirmação; (2) prossegue sua discussão sobre definições, onde ele diz 'o naturalista e o dialético'. A prova de sua afirmação é a seguinte. Atividades e disposições da alma são também atividades e disposições do corpo, como foi mostrado. Mas a definição de qualquer disposição deve incluir aquilo que é disposto; pois seu sujeito sempre cai dentro da definição de uma disposição. Se, então, disposições deste tipo estão no corpo bem como na alma, o primeiro deve ser incluído em sua definição. E uma vez que tudo o que é corporal ou material cai sob o escopo da ciência natural, também as disposições de que falamos. Além disso, uma vez que o sujeito de quaisquer disposições entra no estudo delas, deve ser tarefa do naturalista estudar a alma — ou absolutamente 'todas' as almas, ou 'deste tipo', i.e., a alma que está unida a um corpo. Ele acrescenta isto porque deixou incerto se o intelecto está unido ao corpo.

§ 24. Onde ele diz 'O naturalista e o dialético', ele continua sua discussão sobre definições. Explicando que, enquanto algumas definições das disposições da alma incluem matéria e corpo, outras excluem matéria e se referem apenas à forma, ele mostra que este último tipo de definição é inadequado. Isto o leva a entrar na diferença entre estes tipos de definição. Às vezes, o corpo é

omitido, como quando a ira é definida como um desejo de vingança; e às vezes o fator corporal ou material é incluído, como quando a ira é chamada de um aquecimento do sangue ao redor do coração. A primeira é uma definição lógica, mas a segunda é física, pois inclui um fator material, e assim pertence ao naturalista. O naturalista aponta para o fator material quando diz que a ira é um aquecimento do sangue ao redor do coração; enquanto o dialético aponta para a espécie ou princípio formal; pois chamar a ira de um desejo de vingança é declarar seu princípio formal.

§ 25. Ora, o primeiro tipo de definição é obviamente inadequado. A definição de qualquer forma existente em uma matéria particular deve levar em conta a matéria. Esta forma, 'o desejo de retaliação', existe em uma matéria definida, e se a matéria não é incluída, a definição é claramente inadequada. A definição, então, deve afirmar que esta coisa, i.e., a forma, tem ser neste tipo particular de matéria.

§ 26. Assim, temos três tipos de definição. O primeiro declara a espécie e o princípio específico de uma coisa, e é puramente formal — como se alguém definisse uma casa como um abrigo contra vento, chuva e calor. O segundo tipo indica a matéria, como quando uma casa é chamada de um abrigo feito de pedras, vigas e madeira. Mas o terceiro tipo inclui na definição 'ambos', a saber, matéria e forma, chamando uma casa de um tipo particular de abrigo, construído de materiais particulares, para um propósito particular — manter fora o vento, etc. Assim, ele diz que 'outra' definição tem três elementos: o material, 'nestes', i.e., vigas e pedras; o formal, 'a forma'; e o final, 'por estas razões', i.e., para manter fora o vento. Assim, a matéria é incluída quando ele diz 'nestes', a forma quando ele diz 'forma', e a causa final quando ele diz 'por estas razões'. Todos os três são necessários para uma definição perfeita.

§ 27. À questão de qual destes tipos de definição pertence ao naturalista, respondo que o puramente formal não é físico, mas lógico. Aquele que inclui a matéria, mas omite a forma, pertence a ninguém além do naturalista, porque apenas ele se preocupa com a matéria. No entanto, aquele que inclui ambos os fatores também é, de uma maneira especial, do naturalista. Assim, duas destas definições pertencem à ciência natural, mas das duas, a meramente material é imperfeita, enquanto a outra, que também inclui a forma, é perfeita. Pois apenas o naturalista estuda as disposições inseparáveis da matéria.

§ 28. Mas há várias maneiras de estudar as disposições da matéria, como Aristóteles agora passa a mostrar. Ele divide os estudantes dessas disposições em três classes. Uma classe consiste naqueles que, embora estudem disposições materiais, diferem do naturalista em seu ponto de vista; assim, o artesão difere do cientista por começar do ponto de vista da arte, mas o naturalista do ponto de vista da natureza real. Outra classe consiste naqueles que, embora considerem formas que existem na matéria sensível, não incluem tal matéria em suas definições. As formas referidas são tais como curvo, reto, e assim por diante, que, embora existam na matéria e sejam, de fato, inseparáveis dela, não são, pelo matemático, consideradas sob seu aspecto sensível. A razão é que, se é através de sua qualidade que uma coisa é sensível, a qualidade pressupõe quantidade; portanto, o matemático abstrai deste ou daquele fator material particular para atender exclusivamente ao puramente quantitativo. Finalmente, a terceira classe estuda coisas cuja existência é ou completamente independente da matéria ou pode ser encontrada sem matéria. Esta é a Filosofia Primeira.

§ 29. Note que esta divisão da Filosofia é inteiramente baseada na definição e no método de definir. A razão é que a definição é o princípio da demonstração. Uma vez que as coisas são definidas por seus princípios essenciais, definições diversas revelam uma diversidade de princípios essenciais; e isto implica uma diversidade de ciências.

§ 30. Então, em 'Para retornar', ele volta à questão em mão após a aparente digressão sobre definições. O ponto em discussão era que tais modificações da alma como amor, medo e assim por diante são inseparáveis da matéria animal física na medida em que têm este tipo de existência, i.e., como paixões no corpo; no que diferem de linhas, superfícies planas e assim por diante, que podem ser consideradas pela mente separadamente da matéria que naturalmente implicam. Se este é o caso, então o estudo de tais disposições, e até mesmo da própria alma, torna-se, como foi dito, assunto do naturalista.

E 'concernente a isso', i.e., a alma, devemos, em nosso estágio presente, levar em conta as opiniões dos antigos, não importa quem fossem, desde que tivessem algo a dizer sobre ela. Isso será útil de duas maneiras. Primeiro, nos beneficiaremos do que é sólido em seus pontos de vista. Segundo, seremos postos em guarda contra seus erros.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:18:42 by Admin

Updated 4 October 2026 19:19:28 by Admin